

Vogais do Juruna e do Xipaya – uma comparação

Juruna and Xipaya vowels – a comparison

Cristina Martins FARGETTI*

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

Carmen Lúcia Reis RODRIGUES**

Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO: Neste trabalho, procuramos refletir sobre as vogais das duas línguas da família juruna, tronco tupí, ainda faladas, em graus distintos de vitalidade: língua juruna (Parque Indígena do Xingu, MT) e língua xipaya (Altamira, PA), que, a despeito do número populacional, apresentam situação de uso oposta, embora em mudança, como será mencionado. Em trabalhos anteriores, mostramos tais sistemas fonológicos vocálicos, embora de maneira separada. Aqui, a partir de lista de cognatos, comparamos os sistemas, abordando processos fonológicos observados. Uma comparação com outras línguas tupi é apontada, dialogando com trabalhos histórico-comparativos de outros autores e contribuindo com os estudos na área. Assim, colaboramos com a homenagem prestada pelo número da revista *Moara* à Professora Lucy Seki, mestra de muitos e grande incentivadora de nossos estudos.¹

PALAVRAS-CHAVE: Sistemas vocálicos. Língua juruna. Língua xipaya. Comparação.

ABSTRACT: In this work, we try to reflect on the vowels of the two languages of the Juruna family, Tupi stock, still spoken, in different degrees of vitality: Juruna language (Parque Indígena do Xingu, MT) and Xipaya language (Altamira, PA), which, despite the population number, exhibit a situation of opposite use, although changing, as will be mentioned. In previous works, we have shown such phonological phonological systems, albeit separately. Here, from a list of cognates, we compare the systems, addressing observed phonological processes. A comparison with other Tupi languages is pointed out, dialoguing with historical-comparative works by other authors and contributing to studies in the area. Thus, we collaborate

* Mestre e Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, Unicamp. Livre Docente em Línguas Indígenas pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP. Pesquisadora da língua juruna, família juruna, tronco tupi, desde 1989. Docente em RDIDP na UNESP, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, SP, Departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas. Líder do Grupo LINBRA (Grupo de Pesquisas de Línguas Indígenas Brasileiras) - CNPq desde 2011. cmfarget@gmail.com Agradecimentos ao CNPq, projeto Chamada Universal 435852/2018-3

** Mestre e Doutora em Linguística pela Université Paris Diderot, PARIS 7, França. Pesquisadora da língua xipaya, família juruna, tronco tupi, desde 1988. Professora adjunto, de Linguística, da Universidade Federal do Pará, UFPA: graduação - Campus Universitário de Castanhal; pós-graduação - Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, Campus de Bragança. Integrante do Grupo LINBRA, pelo CNPq. Líder do Grupo GETEP (Grupo de Estudos da Toponímia do Estado do Pará) - CNPq desde 2018. rodriguescarmen2016@gmail.com

¹ Este texto resultou de nossas pesquisas em conjunto e teve uma apresentação nossa no III CIELLA, Congresso Internacional de Estudos Linguísticos e Literários na Amazônia, promovido pela UFPA, Belém, PA, de 18 a 20 de abril de 2011, quando tivemos conosco a presença amiga da Profa Lucy Seki, de quem sentimos muitas saudades, conferencista convidada nesse evento.

with the homage paid by the number of *Moara* magazine to Professor Lucy Seki, teacher of many and great supporter of our studies.

KEY-WORDS: vocalic systems. Juruna language. Xipaya language. comparison

Introdução

O conhecimento e a documentação das línguas indígenas brasileiras são tarefas urgentes da linguística, apontadas há mais de 50 anos por Aryon Dall’Igna Rodrigues, que dizia, sobre os estudos comparativos entre línguas, que “Só se pode comparar depois de ter-se descrito: não se pode comparar aquilo que não se conhece” (RODRIGUES, 1966: 5). Segundo Lucy Seki:

A partir da década de 80 a lingüística indígena experimentou um grande desenvolvimento, com o crescimento do número de lingüistas brasileiros engajados no estudo de nossas línguas e na formação de especialistas, registrando-se um aumento quantitativo e qualitativo na produção resultante do trabalho desses lingüistas. Em grande parte, os especialistas estão também envolvidos em programas de formação de professores indígenas (SEKI, 2000a, p. 160).

Certamente, Lucy Seki foi uma das responsáveis por esse avanço e de lá para cá, do grande desconhecimento que havia, teve-se um desenvolvimento dos estudos científicos, hoje com boa produção, mas longe do aprofundado conhecimento de nossa diversidade linguística, o que compromete, obviamente, estudos histórico-comparativos. A ciência linguística assim caminha devagar, tendo-se em vista a acelerada perda de línguas de nosso país, com o falecimento de seus últimos falantes, sem que as tivéssemos documentado.

Este nosso trabalho de comparação entre as línguas da família juruna surgiu-nos como forte desejo, logo após conhecermos o trabalho uma da outra. Fomos apresentadas por Lucy Seki, nossa homenageada, que nos estimulou a este diálogo que já dura mais de 30 anos. Seus estudos e sua determinação foram e continuam sendo um norte, com forte exemplo nos estudos gramaticais (SEKI, 2000b), nos estudos lexicais (SEKI, 2012), na abordagem etnográfica para estudos de narrativas (SEKI, 2010) e em sua postura ética. Entre nossas agruras das atividades de pesquisa de campo, em um país com pouco incentivo à ciência de base, em especial às Ciências Humanas, buscávamos

alguma forma de comparação entre povos e línguas com forte parentesco, mas de realidades díspares.

No início de nossos estudos, os juruna apresentavam e ainda apresentam situação favorável a sua língua, com a população toda falante dela; já os xipaya estavam há décadas com baixa ou inexistente taxa de transmissão da língua entre gerações, sendo noticiado na imprensa e no meio acadêmico, sempre com grande pesar, a iminente perda linguística, pela existência de apenas duas falantes, idosas, embora posteriormente se tenha estabelecido contato com mais dois falantes. Como tudo tende a mudar, esta situação tem se modificado, como iremos comentar a seguir. Com o tempo de contato com esses dois povos e suas línguas, nosso conhecimento tem se ampliado e, se temos demorado em nossas análises, assumimos um *mea culpa* para dizer que, em concordância com Rodrigues (1966), para comparar, é preciso conhecer a fundo.

Nosso estudo sobre as consoantes (FARGETTI; RODRIGUES C., 2008) suscitou uma leitura de nossas análises (CARVALHO, 2019), que mencionamos brevemente aqui, uma vez que neste momento abordaremos as vogais; e suscitou também interesse de linguistas voltados para o ensino da fonologia para estudantes de linguística (BATTISTI, 2014).² Oxalá outros linguistas trabalhem em conjunto no estudo de línguas de mesma família! Esforços conjuntos e mesmo trabalhos em equipe, com atuação de professores indígenas, podem trazer bons resultados e um avanço mais célere na enorme tarefa de documentação e estudo de nossa diversidade linguística, que então pode apontar caminhos para melhores e mais justas políticas linguísticas em nosso país.

Por uma economia de espaço e busca de concisão, nos limitaremos aqui a discutir dados novos sobre as duas línguas e também notícias mais recentes sobre os povos que as falam. Para se ter maiores informações, sugerimos a leitura de nosso artigo acima referido, disponível *on-line*, que conta, inclusive, com a lista completa dos 297 cognatos com que trabalhamos novamente nesta pesquisa. Sobre registros do passado e

² Embora a autora dessa obra tenha feito um exercício sobre depreensão de fonemas a partir de dados do xipaya de nosso artigo (*op.cit*, p. 98-99), o que por si só é uma satisfação (se nos lembrarmos que, até bem pouco tempo, os exercícios para estudantes eram baseados apenas em dados de estudos de missionários), ela contudo confundiu-se com a autoria: esqueceu-se de mencionar Carmen Lúcia Reis Rodrigues, pesquisadora do xipaya e autora da parte da análise do texto que ela, erroneamente, atribuiu a Cristina Martins Fargetti, que, na verdade, estuda o juruna. Vale esta nota como sugestão para as edições futuras do livro, não constituindo estas considerações demérito algum. O livro é realmente muito bom!

trabalhos de antropólogos, consultem-se: Adalbert (1977 – contato em 1849), Arnault (2016), Collins (1962), Coudreau (1977- contato em 1895-1896), Lima (2001, 1995 – e o perspectivismo de Viveiros de Castro), Louro (1979), Nimuendaju (2019, 1923, 1931, 1948 – primeiras décadas do séc. XX), Oliveira (1970 – final da década de 1960 - que também trabalhou com Eduardo Galvão), Parente (2016), Patrício (2000), Snethlage (1910, 2002 – contato em 1910-1913), Steinen (1942 – contato em 1841), Villas Bôas (1989 – contato a partir de 1949). Também sugerimos a leitura de outras obras nossas sobre as línguas da família juruna, entre elas: estudos fonológicos (Fargetti, 2012c, 2008, 1993a, 1992; Rodrigues C., 2010, 1990), morfológicos (Fargetti, 2003, 2002a, 1997; Rodrigues, 2003, 2001a, 1998), morfossintáticos (Fargetti, 2007a; Rodrigues C., 2006, 2002, 2001b, 1995) histórico-comparativos (Fargetti e Rodrigues 2009, 2008; Fargetti e Sumaio, 2015), etnográficos e de astronomia das culturas (Fargetti, 2019a, 2019b, 2006b, 2002c, 2000, 1993b), lexicológicos, lexicográficos, terminológicos, terminográficos (Fargetti, 2021, 2019c, 2012a, 2012b, 2008, Fargetti e Martins, 2016; Fargetti e Rodrigues C., 2009), sobre educação bilíngue e sistemas de escrita (Fargetti, 2011, 2006a, 2002b, 1998a; Fargetti e Moscardini, 2013) e sobre a relação entre linguística, antropologia e música (Fargetti, 2017).

Segundo dados do SIASI/SESAI, do ano de 2014, divulgados pelo site do ISA³, a população juruna do estado do Mato Grosso está estimada em 880 pessoas, apontando para os Xipaya, segundo a mesma fonte, 173 pessoas. Não temos notícia de como foram feitos os censos, que indicam um grande aumento da população juruna (que eram pouco mais de 120 pessoas no início da década de 1990) e um decréscimo da xipaya (contabilizada em quase 600 pessoas em 2002, conforme Patrício (2003)). Quais teriam sido os critérios de tais censos? Responder a isso requer uma pesquisa para a qual, no momento, não dispomos de condições de trabalho.

A população xipaya se concentra no estado do Pará, no Baixo e Médio Xingu, e a população juruna divide-se entre Pará e Mato Grosso, em uma separação que conta mais de um século. Até nosso conhecimento atual, apenas os juruna do Mato Grosso, Território Indígena do Xingu, falam sua língua. Estes encontram-se aí localizados em várias aldeias e também em postos de vigilância. Na aldeia Tubatuba, e Matxiri, a ela anexa, Fargetti observou em 2017 a existência de jovens com pouca proficiência em

³ https://pib.socioambiental.org/pt/Quadro_Geral_dos_Povos. Acesso em 30 de abril de 2021

português, o que faz pensar em uma volta ao monolinguismo em língua indígena. Isso é um fato muito auspicioso, se pensarmos que a comunidade está em contato com não-índios e com representantes de outras etnias do Xingu, que falam o português como língua franca; auspicioso por mostrar o fortalecimento da língua juruna, a importância a ela dada por gerações mais jovens, o que a mostra em situação de uso muito favorável. Nessa mesma época, Fargetti constatou a presença de jovens xipaya entre os juruna, que tinham o objetivo alegado de aprender a língua juruna; o que se comprovou observando-se a grande fluência nessa língua, mostrada por eles.

Sobre esta questão do aprendizado do juruna pelos xipaya, Carmen Rodrigues também constatou esse fato, quando esteve junto aos xipaya, em Altamira e na TI Cachoeira Seca (aldeia Cojubim), durante 2016 e 2017, para construir, com a participação de um grupo de xipaya, um material que pudesse ser usado para o aprendizado da língua. Dentre os xipaya envolvidos no grupo de trabalho, havia um jovem xipaya da TI Xipaya (aldeia Tukamã) recém-casado com uma jovem juruna, que dominava com fluência o juruna; e quando o casal precisava interagir entre si, o diálogo se dava, normalmente, por meio da língua juruna. Pelo menos nesse momento, os xipaya, principalmente os do Tukamã, estavam fazendo visitas frequentes aos juruna do Mato Grosso, a fim de fortalecerem os laços com seus antigos parentes; e, assim, buscavam também o fortalecimento dessa união dos dois povos por intermédio da junção e da constituição de famílias formadas por indivíduos xipaya e juruna.

1 Sistemas fonológicos do Juruna e do Xipaya

Segundo Gordon (2016), em seu estudo sobre tipologia fonológica, as extensões de sistemas vocálicos das línguas do mundo podem apresentar ampla variação, desde sistemas com apenas 3 vogais / i a u /, como é o caso da língua indígena pirahã (mura), até 46, como é o caso da língua !xũ (khoisan), número que se deve a processos de ditongação, nasalização e faringalização. Como abordar esta variedade, inclusive com a existência de processos fonológicos distintos, inclusive em línguas de mesma família, é um desafio para trabalhos tipológicos e comparativos, não sendo possível correlacionar diretamente, em uma língua, a tendência da extensão dos inventários fonológicos

vocálicos e consonantais, ou seja, não se observam correlações estritas entre números de vogais e números de consoantes.

Em trabalho do início de seus estudos, Cristina Martins Fargetti, sob orientação de Aryon Dall’Igna Rodrigues, pesquisava os sistemas vocálicos das línguas indígenas brasileiras, tendo acesso ao arquivo pessoal do orientador (chamado então por ele ALIB – Arquivo de Línguas Indígenas do Brasil do Departamento de Linguística da UNICAMP), que contava com textos publicados e com manuscritos de estudos realizados por diversos pesquisadores, brasileiros e estrangeiros. Embora diversos trabalhos fossem preliminares, a partir da catalogação e discussão de tais dados, ela pôde levantar os tipos de sistemas vocálicos até então encontrados, em 64 línguas, observando recorrências nas línguas das famílias pesquisadas. Os resultados foram apresentados no II CELLIP (Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná, em Londrina) e publicados em seus anais (FARGETTI, 1988).⁴ Nesse trabalho inicial, foram apontados os sistemas vocálicos das 64 línguas, agrupadas seguindo uma tipologia, para fins comparativos, em 10 sistemas distintos. Atendo-nos aqui apenas ao tronco tupí, observamos por meio desse trabalho que há dois tipos básicos de sistemas vocálicos, com a existência ou não de sistema nasal (replicando as orais completamente ou não):

| | | | |
|----------------------------------|-----------|-----------------------------------|-------|
| i ĩ u | ĩ ã õ | i ĩ | ĩ ã |
| | | o | õ |
| e a o | ẽ ã õ | e a | ẽ ã |
| Quadro (I) Vogais do tronco tupí | | Quadro (II) Vogais do tronco tupí | |

O quadro (I), sistema vocálico com seis orais e suas correspondentes nasais, aparece invariável na maioria das línguas da família tupí-guaraní. Das 14 línguas dessa família, analisadas por Fargetti, apenas 4 apresentam o sistema do quadro (II), portanto

⁴ Um grande feito para uma aluna de graduação naqueles tempos, que não tinha computador numa época sem internet e que conhecia como *shoebox* não um programa, mas sim uma pequena caixa de sapatos para arquivamento de fichas, algo comum aos pesquisadores de então (a publicação original está com o nome de solteira, Cristina MARTINS). Nessa época, Lucy Seki fez o convite a Cristina Martins Fargetti para integrar sua equipe, no projeto de estudos das línguas xinguanas, e assumir o estudo do juruna, que se pensava tonal e por isso seria provavelmente melhor compreendido por quem estudasse música, como era o caso de Fargetti. Assim, a primeira viagem a campo para os juruna foi em julho de 1989, já no curso de mestrado no programa de pós-graduação em Linguística do IEL, UNICAMP, sob orientação de Lucy Seki.

a maioria tem o sistema do quadro (I), e a língua guajajara apresentaria o schwa / ə /, com um grau a mais de diferenciação entre as centrais, além de não ter vogais nasais comprovadamente de status fonológico. Entre as demais línguas tupí, as línguas awetí e mawé teriam também o sistema (I), típico entre as tupí-guaraní, além de línguas de outro tronco e de outras famílias. O sistema do quadro (II) aparece nas demais 9 línguas tupí analisadas no estudo referido, em que não há oposição nas posteriores e pode haver o mesmo número de nasais, em relação às orais, ou número reduzido de nasais (para mais detalhes, consulte-se FARGETTI, 1988).

Ao propor, posteriormente, as vogais orais do prototupí (RODRIGUES, 2005, que retomava considerações de RODRIGUES; DIETRICH, 1995), Aryon Dall’Igna Rodrigues dispunha de mais dados sobre línguas do tronco tupí, uma vez que mais trabalhos surgiram nesse espaço de 17 anos que separa o trabalho inicial acima referido (FARGETTI, 1988), contribuindo para um melhor conhecimento das línguas indígenas de nosso país. Mas muito nos alegra o fato dele corroborar o que foi dito em Fargetti (1988), assumindo os dois quadros acima e acrescentando mais um terceiro, incluindo o schwa / ə /, que havia sido notado no guajajara e que ele apontou também para o karo. Nesse trabalho de 2005, Aryon Dall’Igna Rodrigues abordou apenas as vogais orais, não discutindo as nasais. Essa é uma decisão compreensível, dada a complexidade dos processos de harmonia nasal, por exemplo, que variam bastante em suas regras nas línguas de mesma família inclusive. Ele propôs o sistema vocálico do Prototupí e suas considerações, nesse sentido, serão por nós abordadas mais adiante neste texto.

A língua juruna, conforme documentada e analisada por Cristina Martins Fargetti a partir de 1989, com dados por ela mesma coletados (FARGETTI, 2007a, 1992), apresenta os seguintes fonemas consonantais: / p b t d k ʔ m n r ʎ s z ʃ h tʃ dʒ w y / e os seguintes fonemas vocálicos orais / i e ɨ a u / e nasais / ĩ ẽ ɨ ã ã /⁵ A língua xipaya, conforme documentada e analisada por Carmen Rodrigues a partir de 1988, também com dados por ela mesma coletados (RODRIGUES, 1995, 1990), apresenta os seguintes fonemas consonantais: / p b t d k m n ɽ s z ʃ h w y / e os seguintes fonemas vocálicos orais / i e ɨ a u / e nasais / ĩ ɨ ã ã /. Observamos, com

⁵ Vogais longas também são contrastivas nessa língua, como se observa em pares mínimos como: /kapá/ [ka:pá] “marimbondo” e /ka:pá/ [ka:pá] “céu”, “clima”. Os falantes da língua marcam esta distinção, na escrita, com o uso de duas vogais idênticas para marcar a vogal longa e não marcam o tom alto. (cf. FARGETTI, 2006a sobre questões ortográficas, e FARGETTI, 2019b sobre a (im)possibilidade de uma metáfora para os significados diferentes de **kaapa**)

relação aos sistemas vocálicos, que ambas as línguas apresentam o sistema (II), sem modificações para as vogais orais (com a exceção que FARGETTI, 1988, propunha a vogal / o / para a posterior e aqui, por razões de maior ocorrência, o fonema seja / u / , embora se saiba da existência de [o] como alofone), sem modificação para as nasais em juruna, mas com decréscimo de uma vogal nasal para o xipaya (não tem / ã / como fonema). Esse tipo de variação no sistema (II) já havia sido notado por Fargetti (1988) e constitui uma possibilidade nas línguas do mundo, que podem ter menos nasais que orais, mas nunca se observam mais tipos de nasais do que de orais (como também é apontado por GORDON, 2016). Uma discussão sobre esses sistemas e sua relação com propostas de protolíngua será feita na seção seguinte.

Seguindo nossos bancos de dados, mostramos pares mínimos que comprovam o status fonológico das vogais. Em juruna⁶, Cristina Martins Fargetti aponta os pares mínimos ou análogos para as vogais orais e nasais⁷:

/ i / : / e /

(1) / abí / [a'bí?] “índio”

(2) / abé / [a'bé?] “casca”

/ i / : / i /

(3) / piná / [pi'ná?] “anzol”

(4) / piná / [pi'ná?] “sarrar de doença”

/ i / : / a /

(5) / dú / [du'í?] “tatu (esp.)”

(6) / dú'á / [dú'á?] “tatu (genérico)”

/ i / : / u /

(7) / kípá / [ki'pá?] “piolho”

(8) / kupá / [ku'pá] “cupim”

/ i / : / i /

(9) / ?a?i / [?a'í?] “aqui”

(10) / ?a?i / [?ã'í?] “pimenta”

/ e / : / e /

(11) / yãbe?é / [jãbe' é?] “largo, muito amplo”

(12) / amaẽ / [amaẽ] “tamanduá (esp.)”

⁶ Possui 2 tons fonológicos: o baixo e o alto (podendo apresentar 5 fonéticos). O tom baixo não é marcado e o tom alto é marcado com acento agudo. O sinal de apóstrofe marca a sílaba tônica, que não é contrastiva, por isso não ser marcada na transcrição fonológica. Ocorre acento segundo o algoritmo: “a primeira sílaba com tom alto, da esquerda para a direita, é a tônica. Em caso de ocorrência de tons iguais (altos ou baixos), a última sílaba da palavra é a acentuada” (FARGETTI, 1992)

⁷ Sobre a nasalidade enquanto processo na língua juruna, veja-se Fargetti (2008)

/ a / : / ã /

(13) / ʔeʔá / [ʔe ʔáʔ] “chorar”

(14) / ʔeʔá / [ʔẽ ʔã] “pilão(ou “morrer”)”

/ u / : / ã /

(15) / ubá / [u'báʔ] “debulhar milho”

(16) / ʔubá / [ʔubáʔ] “resposta afirmativa (fala masculina)”

/ĩ / : / ã /

(17) / pa'kĩ / [pa'kĩ] “piranha”

(18) / pa'kĩ / [pa'kĩ] “osso”

Em xipaya, Carmen Rodrigues aponta os pares mínimos ou análogos para as vogais orais e nasais:

/i / : / e /

(19) / i'ba / [i'ba] “mão dele(a)”

(20) / e'ba / [e'ba] “tua mão”

/i / : / i /

(21) / i'ti / [i'ti] “pássaro”

(22) / j'i'ti / [j'i'ti] “traíra grande”

/i / : / a /

(23) / ki'pa / [ki'pa] “piolho”

(24) / ka'pa / [ka'pa] “gordura”

/i / : / u /

(25) / e'tiku / [e'tiku] “puxar”

(26) / e'tuku / [e'tuku] “comer (intr.)”

/i / : /ĩ /

(27) / 'mapi / ['mapi] “pium”

(28) / ka'pĩ / [ka'pĩ] “homem branco (não-índio)”

/i / : /ĩ /

(29) / 'wia / ['βia] “abelha; mel”

(30) / 'wiu / ['βiũ] “cheiroso”

/ u / : / ã /

(31) / ta'ku / [ta'ku] “frio”

(32) / ta'kũ / [ta'kũ] “mutum”

/ a / : / ã /

(33) / ya'bazi / [ya'bazi] “abraçar”

(34) / yãba'ta / [yẽbata] “rede”

Com isso, podemos formalizar os sistemas fonológicos vocálicos das duas línguas como:

| | | | | |
|---|---|--|---|---|
| i | í | | ĩ | ĩ |
| | u | | | ũ |
| e | a | | ẽ | ã |

Quadro das vogais da língua juruna

| | | | | | |
|---|---|--|---|---|---|
| i | í | | ĩ | ĩ | ũ |
| | u | | | | |
| e | a | | | | ã |

Quadro das vogais da língua xipaya

Estes sistemas se apresentam em consonância com o Quadro II das vogais do tronco tupí, apresentado por Fargetti (1988), como acima mostrado. Diferentemente, aqui postula-se a vogal / u / e sua contraparte nasal, e não a vogal / o /, uma vez que fora a escolhida como fonema, por conta de sua maior ocorrência nas duas línguas ([o] pode ocorrer em variação livre com [u], que é preponderante). Mas, apesar dessa diferença, trata-se do mesmo quadro, para o juruna, uma vez que se observam, como se disse, oposição para as anteriores e também para as centrais, não havendo oposição para a posterior. Em xipaya, isso se mantém para as vogais orais, mas as nasais encontram uma redução no quadro, por não contarem com / ẽ /; dessa forma, o sistema de nasais fica sem oposição para anteriores e configura um quadro triangular, com três vogais altas, tendo apenas uma delas a oposição baixa. Isso se configura quase o quadro mínimo observado tipologicamente (como para o pirahã, mencionado acima), em que se tem em uma língua, minimamente as vogais / i a u / como fonemas. O fato da redução de uma vogal (ou até de mais vogais), em comparação com as orais, como já mencionado, pode ocorrer nos sistemas fonológicos das línguas do mundo, como apontado por diversos autores, entre eles Gordon (2016). Não deve causar estranheza, uma vez que a assimetria é notada mesmo entre as consoantes: não raro, observa-se, como nestas duas línguas (tanto nas oclusivas quanto nas fricativas), que um fonema consonantal surdo possa não apresentar sua contraparte sonora: assim, observa-se a ocorrência de / k /, oclusiva velar surda, mas a inexistência de / g /, sua contraparte sonora; bem como observa-se a ocorrência de / j / fricativa alveopalatal surda, mas a inexistência de / ʒ /, sua contraparte sonora. Portanto, a total simetria não deve ser esperada nos sistemas fonológicos e mesmo em línguas tidas como muito próximas, como é o caso do juruna e do xipaya, a correspondência não é total entre os sistemas fonológicos, o que já havia sido comprovado em nosso estudo sobre as consoantes (Fargetti; Rodrigues, C, 2008).

2 Comparação de cognatos entre as duas línguas

Foram analisados os 297 cognatos, que se encontram disponíveis para consulta em Fargetti; Rodrigues C. (2008, p. 560-563). É mais do que óbvia a constatação de que ambas línguas apresentam o sistema vocálico (II), com variações, inserindo-se na tendência observada entre as línguas tupí. Contudo, nesta seção, iremos analisar os processos fonológicos observados na comparação entre seus dados, pensando em mudanças diacrônicas que pudessem explicá-los, e em considerações sobre o protossistema. Os dados serão apresentados em transcrição fonológica, na seguinte ordem: em primeiro lugar o dado na língua juruna e em segundo lugar o dado em xipaya. Assim, evitamos anotar sua identificação a todo momento.

Para a vogal anterior alta / i /, consideramos primeiramente a posição início de palavra, /#_ , com correspondência em “água” (*iyá, iya*). Nesta posição, nos demais exemplos, ocorre a queda dessa vogal, em xipaya, como em “amolar” (*imí, mĩ*), “comer” (tr.) (*ifú, fu*), “pajé” (*izíáha, ziapa*), “pesado” (*ipadétú, padetu*), “preto” (*it#nikĩ, tinikĩ*). Em início de palavra, após consoante, / # C_ , a correspondência encontrada foi total: “matrinchã” (*biu#í, biu#*), “gato” (*pi#á, pi#áda*)⁸, “peixe” (*pit#fa, fita*), “nádegas” (*fibiá, fibia*). Em meio e final de palavra, /_# , houve 32 correspondências, como em “fazer” (*ká#riku, ka#riku*), “agora, hoje” (*ma#fi, má#fi*), “aqui” (*la#i, asi*), mas também 4 casos de posteriorização (3 em xipaya e 1 em juruna), que podemos analisar como harmonia vocálica, dado o contexto de ocorrência de vogal com traço [posterior]⁹: “curimbatá” (*kiriata, kir#bata*), “nós (excl.)” (*u#zu#udí, uzud#*), “brigar” (*ka#kár#ku, ya#ka#ku*), “pegar” (*pi#d#kú, pa#diku*)¹⁰.

Para a vogal anterior baixa / e /, consideramos a posição início de palavra, /#_ , com 9 correspondências, tais como “doce” (*et#fákú, et#ákú*), 1 caso de queda para o

⁸ Em xipaya, o símbolo / ˘ / acima da vogal indica o acento fonológico; ausente, aqui, quando se trata de uma palavra oxítone. Diferente do juruna, em que há oposição tonal, o xipaya não marca diferença de tom.

⁹ Consideramos a vogal central alta com traço [+ posterior], separando assim as anteriores propriamente ditas das demais, que seriam todas com traço de posterioridade. Esta proposta de análise segue uma linha de busca de binarismo nas soluções de problemas, no formalismo linguístico, encontrada na maior parte das propostas teóricas.

¹⁰ No exemplo “traíra grande” (*pit#fi, fit#*), embora também se observe uma posteriorização em xipaya, esta não pode ser aqui explicada por harmonia nasal.

juruna em “assado” (*uhu, eatuhu*)¹¹ e outro caso de queda para o xipaya em “roupa” (*éhuka, húka*), além de 4 casos de alçamento para / i / em xipaya: “castanha” (*eḥã, iyã*), “pau” (*epá, ipa*), “saúva-vermelha” (*edá, ida*), “terra” (*epáá, ipáa*). Em sílaba inicial, após consoante, /#C_, temos um total de correspondência em 6 casos: “asa” (*pewa, séba*), “homem” (*senáhí, senapí*), “marido (companheiro)” (*mená, ména*), “morrer” (*ḡeḡá, heyã*), “um” (*meméhinaku, meméhinaku*), “sozinho” (*meme, meme*). Em meio e final de palavra, /_#, temos 21 correspondências, tais como: “amanhã” (*kahukáde, kaukáde*), “camaleão” (*kanābaré, kānabáḡe*), “falar” (*kamenú, kamenu*); 6 casos de alçamento para / i /, em juruna: “avó” (*ḡaḡáí, aae*), “flor” (*batḡiá, batea*), “jacamin” (*kayurí, kāũḡe*), “pica-pau” (*wáí, wáḡe*), “tucunaré” (*pariá, páḡea*), “velho” (*adúriu, dúḡea*); 3 casos de alçamento para / i / em xipaya: “gavião” (*ekú, hikũ*), “cansado, trabalhar” (*kupéí, kusíḡi*), “tipiti” (*kameamã, kaniama*); 5 casos de posteriorização¹², sendo apenas um em juruna, os quais também podemos analisar como processos de harmonia vocálica, dado o contexto de ocorrência de vogal com traço [posterior]: “anel” (*beḡa, bayá*), “estar triste” (*ḡeḡúhũ, yatúhu*), “amigo” (*mamítéma, maitúma*), “noite” (*kamadéhu, kamādíhu*), “avô” (*ḡaḡámí, eámí*).

A vogal central alta / i / não apresenta ocorrência, em nenhuma das línguas, em início de palavra. Já na posição de sílaba inicial, precedida de consoante, /#C_, há correspondência total em 13 casos, como em: “bicho-de-pé” (*píá, píḡa*), “chegar, vir” (*wí, wí*). Em meio e final de palavra, /_#, há correspondência total em 26 casos, como em: “pular” (*pííííí, píḡḡku*), “aquele” (*aní, ání*); também, em juruna, há caso de posteriorização para / u /: “afundar” (*ḡamúí, yamíni*), e de anteriorização para / i /: “traíra grande” (*píḡí, fíḡí*), provavelmente, em decorrência da harmonia vocálica. A vogal central baixa / a /, na posição início de palavra, /#_, apresenta 24 casos de correspondência total, entre eles: “arroz” (*awatḡiḡ, awatḡi*), “cocar” (*apáa, apáa*), “cortar” (*akíí, akíḡí*); nessa posição há elisão em xipaya em 12 dados, entre eles: “abelha, mel” (*awíḡá, wíá*), “amarrar (a rede)” (*apayú, pañí*), “beiju” (*apáru, páḡu*). Em início de palavra diante de consoante, /#C_, há correspondência total em 71 casos, tais

¹¹ Este é um acréscimo a nossa lista de cognatos. Não temos como propor uma possível existência de morfe a mais na forma em xipaya, uma vez que não temos indício da existência de um morfema distinto, que não existiria em juruna, de morfe | eat | em xipaya. Mais dados, provavelmente, possam trazer uma compreensão diversa.

¹² Confira-se a nota 9 acima.

como: “afundar” (*ʃamúmi*, *yamíni*), “amanhã” (*kahukáde*, *kaukáde*), “algodão” (*makúá*, *makua*); um caso de queda em xipaya em “gavião tesoura” (*yawiʃú*, *wiwitu*) e, para este caso, nossa explicação é a haplologia em xipaya (reconstruímos **yawiwíʃú* > *yawiʃú* (em juruna), e **yawiwíʃu* > *yawiwitu* > *wiwitu* (em xipaya)). Em meio e final de palavra, /_#, há correspondência total em 130 casos, entre eles: “abóbora” (*kuruá*, *kuɾua*), “banco” (*píkáhá*, *píkápa*), “passear” (*karápá*, *kaɾapa*), “gengibre” (*kumaratáyá*, *kumaratáya*); nessa posição há queda em 2 casos diferentes em xipaya: “esfriar” (*itʃaʔákú*, *taku*) – aqui houve queda da oclusiva glotal, seguida de crase, e em “paca” (*baʔi*, *bɨ*) houve queda da oclusiva glotal, seguida de queda da vogal. Em meio e final de palavra, /_#, há elisão em 4 dados em juruna: “estar assado” (*uhu*, *eatúhu*), “longe” (*adíú*, *díu*), “tesoura” (*kiakihá*, *kiakíapa*), “sol” (*kuadí*, *kuazadɨ*) – caso de haplologia em juruna.

Para concluir, a vogal posterior alta / u /, na posição início de palavra, /#_, apresenta correspondência em 7 casos, entre eles: “grande” (*uráhu*, *úrahu*), “eu” (*una*, *úna*); nessa posição, há caso de harmonia vocálica em xipaya em “pássaro” (*uʃiʃi*, *iti*) – em que reconstruímos **utiti* > *utʃitʃi* > *uʃiʃi* (em juruna), e **utiti* > *ititi* > *iti* (em xipaya). Em início de palavra precedida de consoante, /#C_, observamos correspondência em 28 casos, entre eles: “abano, leque” (*súsú*, *susu*), “cobra” (*hutá*, *huta*), “cupim” (*kupá*, *kupa*); nessa posição, houve uma queda dessa vogal seguida da silabificação da consoante aproximante palatal, em xipaya – “feijão” (*puyú*, *piu*); também nessa posição houve harmonia vocálica em xipaya **u* > *i*, “erva do pajé” (*huriúkú*, *piɾiɾiku*). Em meio e final de palavra, /_#, houve correspondência total em 58 casos, entre eles: “algodão” (*makúá*, *makua*), “amanhã” (*kahukáde*, *kaukáde*), “comer (int.)” (*etʃúkú*, *etúku*), “arraia” (*ʃahu*, *yáhu*), “assar” (*atʃuhu*, *atuhu*); nessa posição houve queda em juruna, em dois dados: “doméstico” (*maká*, *makua*), “coruja (gen.)” (*akuʔú*, *kuyuhu*) – neste caso, uma haplologia.

Conclusões

De acordo com nossas análises fonológicas, tanto juruna quanto xipaya apresentam quadros fonológicos idênticos para as vogais orais, situando-se no Grupo II referido (FARGETTI, 1988; RODRIGUES, 2005), com dois graus de distinção entre

anteriores e centrais e apenas um grau para as posteriores. Quanto às vogais nasais, notamos uma redução no quadro esperado em xipaya, que não apresentou a vogal / \tilde{e} /, enquanto o juruna a apresentou. Sabemos pelos estudos tipológicos (referidos por GORDON, 2016), que em geral pode haver assimetria nos sistemas vocálicos, podendo as nasais ocorrer em número menor que as orais, sendo o contrário – orais em menor número que nasais – não atestado nas línguas do mundo. Rodrigues (2005, p. 42) propõe para a família juruna, em nível de protolíngua, a oposição que havia no prototupí $**u$ e $**o$, afirmando que $*o$ teria mudado para a , de acordo com os dados que observou. O fato de haver hoje, em juruna, ao menos, grande variação entre u e o nos leva a pensar que, realmente, em estágio anterior, teria havido um protossistema com as seis vogais orais, e possivelmente as seis vogais nasais também.

Entre os processos notados por nós, a posteriorização é em nossa análise justificada por um processo mais amplo, observado em especial em xipaya, de harmonia vocálica, ou seja, uma assimilação a vogal de sílaba contígua: $*i > \acute{i} / _ u$, e $*\acute{i} > u / _ u$. Esta harmonia vocálica explica também alguns casos contrários, de anteriorização, em que: $*\acute{i} > i / _ i$. Esta hipótese de harmonia vocálica é por nós levantada e nos questionamos se poderia explicar o processo de anteriorização notado no tronco tupí por Rodrigues (2005). Portanto, o esquema apresentado por esse autor, como conclusão de seu texto (*op.cit*, p. 44), poderia ser repensado à luz destas considerações.

No nível da língua ancestral da família juruna, ainda postulamos a possibilidade de existência de contraste por duração vocálica (portanto, uma série a mais de vogais orais e possivelmente nasais) e também por altura (dois tons fonológicos). Esta proposta se justifica por sabermos, de acordo com estudos tipológicos (GORDON, 2016), que tais aspectos prosódicos podem passar a não ocorrer mais como contrastivos. Há, inclusive, dialetos de línguas tonais, como o coreano, que já não apresentam distinção tonal, como uma mudança ocorrida com o passar do tempo. Ou seja, os estudos tipológicos tendem a apontar que de contrastivos podem passar a não contrastivos, sendo o inverso não observado, de não contrastivo para contrastivo.

Sobre as nasais, temos a observar que em juruna observa-se um processo de harmonia nasal, da direita para a esquerda (veja-se FARGETTI, 2008), enquanto em xipaya a direção é a oposta, da esquerda para a direita. Mais estudos são necessários para uma melhor comparação deste aspecto.

Este trabalho procurou apresentar uma comparação entre as vogais orais do juruna e do xipaya, línguas remanescentes da família juruna, tronco tupí, com o objetivo de contribuir com estudos histórico-comparativos das línguas indígenas brasileiras, e também de prestar uma homenagem a Lucy Seki, presença alegre e incentivadora em nossas vidas.

REFERÊNCIAS

ADALBERT, H.W. **Brasil: Amazonas – Xingu (pelo) Príncipe Adalberto da Prússia**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1977.

ARNAULT, R.P.P. Altamira indígena em Belo Monte: experiências Xipaya e Kuruaya em transformações. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016.

BATTISTI, E. Fonologia. In: SCHWINDT, L.C. (org.) **Manual de Linguística: Fonologia, Morfologia e Sintaxe**. Petrópolis: Vozes, p. 27-108, 2014

CARVALHO, F. O. Revisitando o proto-juruna: a reconstrução da série de oclusivas orais. In: OLIVEIRA, E.; VASCONCELOS, E.; SANCHES, R. (org.) **Estudos linguísticos na Amazônia**. São Paulo: Pontes, p. 215-236, 2019

COLLINS, I.V. Formulário dos Vocábulos Padrões para estudos comparativos preliminares nas línguas brasileiras, m.s, 1962

COUDREAU, H. **Viagem ao Xingu**, Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1977.

FARGETTI, C.M. **Terminologia da cultura material juruna**. (no prelo) 2021

FARGETTI, C.M. O Sol ao Sul: um eclipse juruna SULeado. In: **Revista Interdisciplinar SULEAR. Edição Especial Dossiê SULEar**. Ano 2, número 2, pp. 83- 100. Disponível em: <http://revista.uemg.br/index.php/Sulear/article/view/4145/2214>. Acesso em: 30 abr 2021, 2019a.

FARGETTI, C.M. Céu e clima: uma metáfora juruna? In: **Revista AVÁ**. Misiones, 35, Diciembre, p. 95-128, 2019b. Disponível em: <http://www.ava.unam.edu.ar/images/35/n35a06.pdf> Acesso em: 30 abr 2021

FARGETTI, C.M. Linguística e Línguas Indígenas: Léxico, Terminologia, Astronomia. In: Lucas Nascimento; Tania Conceição Clemente de Souza. (Org.). **Gramática(s) e Discurso(s): ensaios críticos**. 1ed.Campinas: Mercado de Letras, pp. 337-364, 2019c.

FARGETTI, C.M. Estúdios del léxico de lenguas indígenas: ¿terminología?. Em: Manuel González González; María-Dolores Sánchez-Palomino; Inés Veiga Mateos. (Org.). **Terminología: a necesidad da colaboración**. Madrid: Vervuert, pp. 343-368, 2018.

FARGETTI, C.M. **Fala de bicho, fala de gente: cantigas de ninar do povo juruna**. São Paulo: SESC, 2017.

FARGETTI, C.M. Qual pode ser o alcance de uma metáfora? Em: **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 7, p. 101-111, 2015 Disponível em: <https://www.periodicos.unb.br/index.php/ling/article/view/16291>. Acesso em: 30 abr 2021.

FARGETTI, C.M. **I Encontro do Grupo LINBRA**: abordagens sobre o léxico. Campinas: Curt Nimuendaju 2012a.

FARGETTI, C.M. Plantas entre los juruna: en busca de una metodología para el estudio del léxico. Em: **LIAMES**, v. 12, pp. 179-188, 2012b. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames/article/view/1488>. Acesso em: 30 abr 2021.

FARGETTI, C.M. Dicionários de Línguas Indígenas e Questões de Prosódia. In: Cristina Martins Fargetti. (Org.). **I Encontro do Grupo LINBRA**: abordagens sobre o léxico. Campinas: Curt Nimuendaju, pp. 65-80, 2012c.

FARGETTI, C.M. (produção) **Fala de gente, fala de bicho** - Abïa ali ma'yiyaha - cantigas de ninar do povo juruna. Manaus: Ágata Tecnologia Digital Ltda, 2021d (CD de música).

FARGETTI, C.M. (direção e produção) *Cantigas de ninar do povo juruna* – documentário. São Paulo: Ponto4 Digital, 2012e(DVD).

FARGETTI, C.M. Política Linguística entre os juruna. In: MANCERA, A.M.C.; MARTOS, I. M.; GARCÍA, F.P. (eds.). **Actas del XVI Congreso Internacional de la ALFAL**, pp. 3265-3272, 2011 (Alcalá de Henares 6-9 de junio de 2011).

FARGETTI, C.M. Cultura material indígena: questões lexicográficas. In: CABRAL, A.S.A.C; RODRIGUEUS, A.D.; DUARTE, F.B. (org.). **Línguas e Culturas Tupí**. Campinas: Curt Nimuendajú, v. 2, pp. 117-129, 2010a.

FARGETTI, C.M. (org.) **Kanemãï 'a'ahã dju'a papera**- livro do artesanato do povo juruna (judjá). Campinas: Curt Nimuendajú, 2010b.

FARGETTI, C.M. Nasalidade na língua juruna. **Amérindia** (Paris), v. 32, pp. 269-281, 2008.

FARGETTI, C.M. **Estudo Fonológico e Morfossintático da Língua Juruna**. Série Lincom Studies in Native American Linguistics, 58, Muenchen: Lincom-Europa (publicação de tese de doutorado defendida na UNICAMP em 2001), 2007a.

FARGETTI, C.M. Os estudos de línguas indígenas brasileiras hoje e a contribuição de Mattoso Câmara. In: MASSINI-CAGLIARI, G.; BERLINCK, R. A.; GUEDES, M.; OLIVEIRA, T. .P. (org.). **Trilhas de Mattoso Câmara e outras trilhas**: Fonologia, Morfologia, Sintaxe. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007b.

FARGETTI, C.M. Breve história da ortografia da língua juruna. **Estudos da Língua(gem) Questões de Fonética e Fonologia: uma Homenagem a Luiz Carlos Cagliari**. Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, n.3, p.123-142, 2006a Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1012/863>. Acesso em: 30/4/2021.

FARGETTI, C.M. Céu e terra: relações em um mito juruna. In: **Impulso**, v. 17, pp. 105- 119, 2006b. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/27585116/impulso-piracicaba-v-17-n-43-p-1-unimep/117> Acesso em 30/4/2021.

FARGETTI, C.M. Verbos estativos em juruna. **Estudos Lingüísticos XXXII** (CD-ROM), São Paulo: USP, 2003.

FARGETTI, C.M. Modo e aspecto no verbo em juruna. **Anais do “Encontro do Grupo de Trabalho de Línguas Indígenas da ANPOLL”**, Belém: UFPA, 8 a 12/10/01, 2002a.

FARGETTI, C.M. Escrita em língua jurúna: desafios e parcerias. **Anais do “Encontro do Grupo de Trabalho de Línguas Indígenas da ANPOLL”**, Belém: UFPA, 8 a 12/10/2001, 2002b

FARGETTI, C.M. Rindo com os juruna. Em: **LIAMES**, v. 2, p. 129-139, 2002c Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames/article/view/1408>. Acesso em: 30 abr 2021.

FARGETTI, C.M. **Sãluahã, o retorno à festa**, Piracicaba: UNIMEP, 55', 2000 (vídeo em VHS)

FARGETTI, C.M. (org.) **Yudja kamena dju'a papera** (livro de alfabetização na língua jurúna) MEC-SEF/ ISA/RFI, 1998a.

FARGETTI, C.M. Re-re-reduplicação em Jurúna, **Actas de las III Jornadas de Lingüística Aborigin**, Buenos Aires : UnBA, 1997.

FARGETTI, C.M. Considerações sobre acento e tom em Jurúna. In: **Anais do XLI Seminário de Lingüística do GEL**, Ribeirão Preto: UNESP, 1993a.

FARGETTI, C.M. Uma abordagem preliminar da etnografia da comunicação da comunidade Jurúna. In: SEKI, Lucy (org.) **Lingüística Indígena e Educação na América Latina**, Campinas: Ed. UNICAMP, pp. 365 –375, 1993b.

FARGETTI, C.M. **Análise Fonológica da Língua Jurúna** (dissertação de mestrado), Campinas: UNICAMP, 1992.

FARGETTI, C.M. Sistemas vocálicos em línguas indígenas brasileiras, in: **Anais do II Seminário do CELLIP**, Londrina: UEL, p. 219-227, 1988

FARGETTI, C. M.; RODRIGUES, C. L. R. Termos para partes do corpo em Juruna e Xipaya: um estudo comparativo. In: SALES, G.M.; FURTADO, M.T. (org.). **Linguagem e Identidade Cultural**. João Pessoa: Idéia, pp. 237-246, 2009.

FARGETTI, C. M.; RODRIGUES, C. L. R. Consoantes do xipaya e do juruna: uma comparação em busca do proto-sistema. **ALFA** (UNESP), v. 52(2), p. 535-563, 2008. Disponível em: <http://www.alfa.ibilce.unesp.br/sumario.php?livro=8> . Acesso em 30 de abril de 2021.

FARGETTI, C. M.; MARTINS, M. Léxico de plantas em dicionários indígenas. In: MURAKAWA, C. A. A.; NADIN, O. L.; FERREURA, A.A.G.O. (orgs.) **Léxico em cena: contribuição para os estudos lexicais**. Série Trilhas 28. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 35-56, 2016. Disponível em: <https://www.fclar.unesp.br/Home/Instituicao/Administracao/DivisaoTecnicaAcademica/ApoioaoEnsino/LaboratorioEditorial/serie-trilhas-linguisticas-n28---e-book.pdf>. Acesso em: 30 abr 2021

_____(orgs.) **Makaxi papera**: livro do milho do povo juruna. Campinas: Curt Nimuendaju, 2012.

FARGETTI, C. M; MOSCARDINI, L. E. Escrever em português: desafios para uma escola indígena (juruna) In: D'ANGELIS, W. R.(org.) **Ensino do português em comunidades indígenas: 1ª e 2ª língua**. Campinas: Curt Nimuendaju, p. 55-65, 2013.

FARGETTI, C. M.; SUMAIO, P. A. Numerals in Juruna. In: **LIAMES**. v.15, p.375 -392, 2015
Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames/article/view/8642307>.
Acesso em: 30 abr 2021

GORDON, M. **Phonological Typology**. Nova York: Oxford University Press, 2016

LIMA, T. S. Yudjá. In: **ENCICLOPÉDIA Povos Indígenas do Brasil**. São Paulo: ISA, 2001.
Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yudj%C3%A1/Juruna> Acesso em: 30
abr de 2021.

LIMA, T. S.. **A parte do cauim**: etnografia juruna. 1995. 480f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Rio de Janeiro: Museu Nacional, UFRJ, 1995.

LOURO, R. L. Formulário dos vocábulos padrões para estudos comparativos preliminares nas línguas brasileiras. Rio de Janeiro: Museu Nacional; UFRJ, 1979.

NIMUENDAJÚ, C. **Os índios Xipaya, cultura e língua**. (org. e tradução: Peter Schröder), Campinas: Editora Curt Nimuendaju, 2019.

NIMUENDAJÚ, C. **Sur Sprache der Sipáia-Indians**, Antropos 18-19, 836-857, Modling bei Wein, 1923

NIMUENDAJÚ, C. Idiomas indígenas del Brasil. **Revista del Instituto de Etnologia de la Universidad Nacional de Tucumán**. Tucumán (Argentina), Tomo II: 543-589, 1931.

NIMUENDAJÚ, C. Tribes of the lower and middle Xingu river, **Handbook of South American Indians**, vol. III, bol.143, p. 203-343, Washington, 1948

OLIVEIRA, A. E. **Os índios juruna do Alto Xingu**. Tese. 291f. (Doutorado em Antropologia), **Dédalo** 6 (11-12), São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, 1970.

PARENTE, F. de A. **“Eles são indígenas e nós também”**: pertencas e identidades étnicas entre Xypaia e Kuruaia em Altamira/ Pará. Tese (Doutorado em Antropologia). Belém: Universidade Federal do Pará, 2016.

PATRÍCIO, M. M. **Índios de verdade**: o caso dos Xipaya e Curuaia. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Belém : UFPA, 2000.

RODRIGUES, A.D. As vogais orais do Proto-Tupí. In: RODRIGUES, A.D.; CABRAL, A.S.A.C. (org.) **Novos estudos sobre línguas indígenas**. Brasília: Editora UnB, p. 35-46, 2005

RODRIGUES, A.D. **Línguas Brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola, 1986.

RODRIGUES, A.D. Tarefas da lingüística no Brasil. **Estudos Lingüísticos** (Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada), vol. 1, n. 1, p. 4-15, 1966.

RODRIGUES, A.D.; DIETRICH, W. On the linguistic relationship between Mawé and Tupí-Guaraní. **Diachronica**. 14: 265-304, Amsterdam, 1997

RODRIGUES, C.R. Resquícios de Variação Fonético-fonológica em uma língua obsoleta: reflexos no estado atual da língua. In: I Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística, 2011, São Luís. **Anais do I Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística**: homenagem a Maria do Socorro Silva de Aragão. São Luís, 2010. p. 67-72.

RODRIGUES, C.R. Relativização em Xipaya (Tupí). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Belém, vol 1, n.1, p. 61-70, 2006.

RODRIGUES, C.R. O sistema de pronomes e prefixos pessoais em Xipaya: considerações a partir de dois períodos distintos de registro da língua.. **Revista do GELNE** (UFC), Ceará, v. 3, n.2, p. 57-62, 2003.

RODRIGUES, C.R. O Fenômeno da Tematização em Xipaya. In: CABRAL, A.S.A.C.; RODRIGUES, A.D. (org.). **Línguas Indígenas Brasileiras**: Fonologia, Gramática e História. Belém: Editora Universitária, v. I, p. 214-221 2002.

RODRIGUES, C.R. Morfemas Locativos e Direcionais em Xipaya. In: CABRAL, A.S.A.C.; RODRIGUES, A.D. (org.) **Estudos sobre Línguas Indígenas**. Ied.Belém: Gráfica Universitária, v. I, p. 177-192, 2001a.

RODRIGUES, C.R. A posição das formas pronominais reduzidas em Xipaya. **ABRALIN** (Curitiba), Fortaleza, v. 26, p. 100-102, 2001b.

RODRIGUES, C.R. Expressão da posse em Xipaya. **Moara**. 9: 73-81, 1998.

RODRIGUES, C.R. **Etude Morphosyntaxique de la langue Xipaya (Bresil)** (tese de doutorado), Paris: Universidade Paris VII, 1995.

RODRIGUES, C.R. **Langue Xipaya: étude phonologique** (dissertação de mestrado), Paris: Universidade Paris VII, 1990.

SEKI, Lucy. Discutindo dicionários bilíngues: o caso Kamaiurá. In: FARGETTI, Cristina Martins (Org.). **Abordagens sobre o Léxico em Línguas Indígenas**. Ied.Campinas: Editora Curt Nimuendajú, p. 13-36, 2012.

SEKI, Lucy. **Jene ramỹjwena juru pytsaret** – o que habitava a boca de nossos ancestrais. Rio de Janeiro: Museu do Índio-FUNAI, 2010

SEKI, Lucy. Línguas indígenas do Brasil no limiar do século XXI . **Impulso**, volume 12, n. 27, (edição sobre os 500 anos do Brasil). Piracicaba: UNIMEP, p. 233-256, 2000a.

SEKI, Lucy. **Gramática do Kamaiurá**: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000b.

SNETHLAGE, E. Die Indianerstämme am mittleren Xingu: im besonderen die Chipaya und Curuaya. **Zeitschrift fur Ethnologie**, Berlin : s.ed., n. 45, p. 395-9, 1910.

SNETHLAGE, E. **A travessia entre o Xingu e o Tapajós**. Manaus: Governo do Estado do Amazonas; SEC, 2002. (Documentos da Amazônia, 98)

SNETHLAGE, E.. Zur Ethnographie der Chipaya and Curuaya. **Zeitschrift fur Ethnologie**, Berlin : s.ed., n. 42, 1910.

STEINEN, K. **O Brasil Central** – Expedição em 1884 para a exploração do Rio Xingu. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

VILLAS-BÔAS, C. e O. **Xingu** – o velho Káia conta a história de seu povo. Porto Alegre: Kuarup, 1989.